

balões

Carolina Pazos¹

I

Aos trinta e quatro anos
é um luxo regressar ao amor
como quem acaba de encontrar balões
em uma caçamba de entulhos
sair esfregando a alegria pelas ruas
o braço em riste como mensagens
encomendadas aos aviões
que sobrevoam as praias aos sábados
confundir as chaves de apartamentos
herdados às custas do desespero
se interessar por outras portas
abrir novos dentes grandes
com a língua

II

é sim incrível tocar um céu de carne
para quem sabe ler nas entrelinhas
ou veias aparentes de um antebraço
que fabrica movelaria de brinquedo
forte o suficiente para a suspensão
desse cansaço que reencontra
uma voz de mar na casca
de um siri congelado na mochila

¹ Carolina Pazos Pereira é doutora em História Social, mestre em Estudos Étnicos e Africanos, professora e poeta. Publicou o livro *Mulher correndo entre ciprestes* (Ed. Urutau, 2019) e a plaquete *Dobrar o Vento* (Ed. Primata, 2022). Organizou, com Flávia Bom, a coletânea de poemas *Omrófilas* (Selo Hecatombe, 2023). Também publicou nas revistas eletrônicas *Subversa*, *Ruído Manifesto*, *Garupa* e *Revista 7 faces*. E-mail: carolina_pazos@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0065-7689>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7573528130091441>.

III

sorrio quando te vejo caótico
 paquerando objetos de decoração
 em vitrines incompatíveis com
 nossos saldos bancários tão
 injustamente reduzidos a essa altura da vida
 aqueles cômodos impecáveis como
 suas roupas, sempre contrastando
 com a bagunça dos armários velhos

IV

faz pouco tempo, te sinto confiando
 te conduzo numa rodovia federal
 com o tanque na reserva. é noite
 faz tempo que não durmo
 não sonho mais que corro de leões
 aposto nos 45 do segundo tempo
Oh, get me away from here, I'm dying
Play me a song to set me free

V

te encontro entre ciladas, cidades
 a energia do reparo das instalações
 atinge minha cabeça feito raio, penso
 te quero sempre aqui, queimando
 sacrifícios semanais depositados
 nos altares das palmas das mãos

VI

te escuto e são sons novíssimos
 tubos de um órgão de igreja e tosse
 risos rasgados de fumaça, a ironia
 de cantar forró sem saber dançar

VII

odeio fazer supermercado
você adora comprar mil itens inúteis
você carrega mil sacolas de plástico
ambos concordamos em preencher
os cupons do sorteio de um carro
conversando o que fazer com o prêmio
como se chacoalhar a urna conferisse
um empurrão qualquer ao destino
sendo que já tiramos a sorte grande

VIII

você coloca alarmes nos chaveiros
jura repetir daqui a dez anos a frase
que se perdeu humilhada na avenida
por fração de segundos apostei que
a paixão, em desvantagem, ganharia
essa corrida contra o esquecimento

IX

escrevo para você como quem borda
mapas durante as Grandes Navegações
lentamente, para tentar não perder
nenhuma das rotas que descobrimos
nesse mundo a dois palmos do chão

X

Aos quarenta e um anos
não é incomum se afogar em dívidas
a maioria vive às custas dos cartões
cabeças e casas repletas de tralhas
corpos curtidos em vícios ou filhos
de ex-mulheres brigando por pensão
encomendados os advogados
todo homem é certo silêncio. crise

herdada às custas do despreparo
para a vida batendo firme na cara
abrir novas pernas firmes
com a língua

distrai

XI

é sim sublime tocar o inevitável
para quem sabe ler cartas de tarô
ou jogos de búzios pelo whatsapp
que precipitam futuros distintos
daquilo que desejamos
esse tédio que reencontra
defeitos que então não víamos
já não há quem se arrisque a
comprar de porteira fechada
uma fazenda mal-assombrada

XII

sorriso quando te vejo assustado
porque não creio em maldições
e sopro, na distância, a bênção
dos dragões para os fantasmas
contas de luz tão injustamente
aumentadas a essa altura da vida
para aplacar o escuro que tememos
as roupas sozinhas nos cabideiros
confie, não duram para sempre